

# CERTEZA DO COGITO, INCERTEZA DA MATEMÁTICA?

Zulena dos S. Silva  
Doutoranda doHCTE  
[zuhufil@gmail.com](mailto:zuhufil@gmail.com)

O presente artigo pretende mostrar a diferença entre a certeza da Matemática e a do *cogito*, na obra *Meditações Metafísicas*.<sup>1</sup>

## O problema de Descartes nas *Meditações...*

Em vista da demonstração da possibilidade do conhecimento, correspondência entre pensamento e mundo externo, Descartes inicialmente põe em questão pressupostos da tradição acadêmica a respeito da origem ou natureza do conhecimento; ele afirma não ser necessário analisar todos os conhecimentos adquiridos, pois seria tarefa infundável, bastando então investigar a legitimidade de fundamentos do conhecimento tomados como certos pela opinião corrente da tradição; e assim lança a dúvida como método de suas meditações acerca daquela possibilidade. Tais fundamentos dizem respeito a idéias como a de que o conhecimento baseia-se na experiência empírica, pelas sensações, e a de que a Matemática é modelo de certeza\_ neste último caso, sabemos o quanto esta exprime certeza em contraste à contingência do mundo sensível, segundo Platão, e que tal visão a respeito da Matemática é recobrada no Renascimento e Modernidade, haja vista o valor operacional de linguagem inambígua na descrição objetiva dos fenômenos físicos que tal ciência representa a partir de Galileu.

Na Primeira Meditação, Descartes expõe três graus da dúvida: o primeiro põe em questão a aquisição de conhecimento por meio dos sentidos, estes podem ser imprecisos, nos enganar, nos confundir sobre o que realmente ocorre no mundo; ele admite que nem sempre os sentidos enganam, daí reforça a dúvida elevando-a ao segundo grau, denominado “Argumento do Sonho”, o qual sugere que se um sonho pode parecer tão real, o critério para demarcar o sonho, a ficção da realidade seria incerto pelos sentidos, uma vez que estes são (como que) revividos também em sonho\_ ou seja, não vale dizer que sabemos diferenciar um e outro estado porque acordamos, não é implausível acordarmos em um sonho\_ ou seja, não vale dizer que sabemos diferenciar um e outro estado porque acordamos, não é implausível acordarmos em um sonho, e, sobretudo, os sentidos podem mesmo nos confundir sobre tal demarcação.

A Matemática fica incólume a tais argumentos porque é uma ciência que não se baseia nos sentidos\_ consideração, ao menos, conforme a compreensão platônica da mesma e que é retomada no período em que vivem Galileu e Descartes\_, seu procedimento abstrato não é atingido pelos primeiro e segundo graus da dúvida. Descartes reconhece isso, mas apresenta uma nova dúvida, mais profunda, de caráter metafísico que ele denomina “Deus Enganador” (DE) ou “Genio Maligno” (GM), a qual

---

<sup>1</sup> Agradecimento a Felipe S. Abrahão pelas questões que permitiram relevantes reflexões sobre o *cogito*, a serem exploradas em novo artigo.

consiste em admitir a possibilidade de um ser que pode me enganar sem que eu tenha consciência disso, induzindo-me ao erro.

Descartes já alertara que adotar a dúvida como método significa que tudo o que for atingido pela dúvida não pode valer como base para o conhecimento, o que for dubitável fica em suspenso e admitido como falso. Ora, se os sentidos e a Matemática não seriam fundamentos que legitimam a possibilidade do conhecimento, uma vez atingidos pela dúvida, então o conhecimento não seria possível? Com essa conclusão implícita na pergunta, Descartes abre a Segunda Meditação, afirmando que talvez não haja nada no mundo de certo, a não ser este enunciado.

Daí que ele, na Segunda Meditação, encontra a primeira certeza, “*eu sou, eu existo*”: um ser que se engana, que é enganado, que duvida, existe, i.e. “eu sou” o sujeito que duvida, que se engana, medita, pensa. Esta *res* subjacente ao fato de ser enganado, ao ato de duvidar, meditar, é por natureza pensante, é um ser que é enquanto pensa. Descobrir que se é com uma natureza pensante, é a segunda certeza a que Descartes alcança. Assim ele prossegue as Meditações..., seguindo a ordem das razões, ou seja, considerando como certo apenas aquilo que, decorrente do alcance da primeira certeza, mostre-se indubitável, claro e distinto.

Não entrarei nos problemas acerca do prosseguimento das Meditações... em vista à demonstração da possibilidade do conhecimento. Mas é preciso ressaltar que Descartes lança o problema da correspondência entre pensamento e realidade física, indicando o quanto o paralelismo psicofísico é problemático...

### **A Matemática e o Terceiro Grau da Dúvida**

Mediante as dúvidas lançadas por Descartes, como então ficaria o “lugar” da Matemática frente ao “eu sou” na ordem das razões que Descartes vislumbra; atingida pela dúvida metafísica, ela não ocupa a vez de uma Ontologia, como “língua do Universo” ou revelação do essencial da realidade.

Lembremos que o terceiro grau da dúvida põe em questão a Matemática como modelo de certeza para fundamentar o conhecimento sobre o mundo físico, bem como atinge seu próprio escopo como conhecimento por si certo, inambíguo, uma vez que vale ter dúvida sobre se seu próprio procedimento é enganoso, passível de erro e em questão, portanto, o critério para avaliação da certeza matemática.

Reportamos aqui a como Descartes, em Meditações..., problematiza a ideia de a Matemática ser um instrumento que possa garantir descrição objetiva do fenômeno físico, com o experimento de pensamento, por assim dizer, denominado DE/GM, o qual refere-se à possibilidade de engano no cálculo, quanto ao acerto ser expressão de certeza, ou melhor, o que está em questão para Descartes é o critério de verdade; o problema do critério da verdade diz respeito ao problema: como sei que sei algo e com certeza e acerto? Este remonta a Platão, em Menon, assim: como sei que sei algo, se antes de saber, ao buscar sabe-lo não sabia o que era? Se eu não sabia, como sei que passei a saber aquilo de que não sabia? Qual critério me permite saber que sei algo? (PLATÃO, 80d)

A força da dúvida radical consiste em pôr os sentidos, bem como a Matemática em suspenso na pretensão de acesso objetivo ao mundo externo à mente, as duas possibilidades de acesso mostram-se dubitáveis: DE/GM poderia estar nos enganando sistematicamente, sem que o soubéssemos, sem que tivéssemos consciência disso.

Notemos que no caso do argumento lançado por Descartes, de maneira consciente pela dúvida (esta como um método), se está refletindo sobre uma possibilidade em tese,

não está sendo tomado como real, mas sim como plausível para o pensamento em busca da certeza do conhecimento; em última análise, Descartes está comprometido com o problema da justificação da possibilidade do conhecimento.

## **O Cogito e a Matemática**

Vemos que nas *Meditações...*, ao introduzir o terceiro grau da dúvida, dúvida radical ou universal, estabelece-se uma diferença entre a evidência da Matemática e a do *cogito* (eu pensante). É preciso observar que a ordem das razões em busca da possibilidade do conhecimento seguro, questão filosófica motivadora de Descartes, inicia-se com o *cogito* e não com a Matemática. Com os três graus da dúvida como método problematiza-se a possibilidade do conhecimento; a partir da primeira certeza, “*eu sou, eu existo*”, começa-se a ordem de razões em vista da demonstração daquela possibilidade. Aqui não nos dedicaremos ao prosseguimento desta ordem de razões na tentativa de demonstrar que o conhecimento é possível, nos deteremos na extensão em que se mostra pertinente o ceticismo e mais especificamente à distinção entre a certeza do *cogito* e a incerteza da Matemática.

O *cogito* estabelece um ponto firme no centro da dúvida universal, não se abalando mediante ela; ele interrompe a cadeia de incertezas, daquilo que pode ser falso.

O *cogito* é uma evidência própria a uma verdade indubitável, podendo-se com ele, ou por ele, então considerar certo o que possuir evidência comparável, resistente à dúvida radical como ele, ainda que ele não permita fundar propriamente outra certeza e verdade, uma vez que deixa em aberto a dúvida de direito. Quer dizer, o *cogito* é exceção à dúvida universal porque não está na esfera que ela circunscreve. Mas a dúvida do DE/GM atinge aquilo que o “eu” afirma como verdade pretendida como existente e assegurada fora do *cogito*, ou seja, o *cogito* é exceção à dúvida, mas esta subsiste.

A evidência do *cogito* consiste em que ele afirma a si próprio. Isso não vale para as proposições matemáticas, elas são atingidas pela dúvida universal.

Os conteúdos matemáticos existem no pensamento. Na ordem das razões, o *cogito* é condição das proposições matemáticas\_ o que não significa que seja condição de fato da Matemática, mas de direito, ou melhor, é *ratio cognoscendi* dela, aquilo pelo que ela é conhecida, embora não necessariamente sua *ratio essendi*, o seu fundamento e constituição.

E enquanto a Matemática se dirige para conteúdos, sendo condição ou elemento de coisas possíveis, as quais, contudo, são dubitáveis, podendo não ter valor objetivo, não serem reais independentes do campo do *cogito*, com este se dá o contrário: “...*m'élève à la condition ultime de la possibilite de toutes mès représentation et non aux conditions de possibilite du contenu de ces représentations.*” (GUEROULT, pp.52-53)

Quanto à Matemática, podemos imaginar que ela comporte entidades reais mentais, opere relações com eles, sem que correspondam a algo fora da mente. Em outras palavras, que a Matemática seja legítima na esfera mental, cuja consecução independa de qualquer outro dado postulado como externo à mente, tornando assim a vida interior mental mais interessante, cogitável em diversas possibilidades axiomáticas, é toda a sua Beleza como conhecimento. A Matemática sendo um objeto na mente\_ ainda que não saibamos se fruto desta\_ , que pode ser um conhecimento possível\_ portanto, não apenas como conhecimento para a Física operar com linguagem inambígua; mas isso não garante que seu domínio de operação resguarde-se do engano sem saber que tal ocorra, pois o DE/GM pode atuar; é preciso lembrar que a competência instrumental

matemática não está garantida, pois que ela possa descrever o mundo externo precisamente tal como ele se manifesta está em questão, bem pode ser que este mundo externo não possa ser conhecido e não exista para além da esfera mental do “eu sou”, e que possa ser conhecido com objetividade, rigor matemático também em questão, uma vez a possibilidade da dúvida metafísica.

E se pode reforçar a diferença entre a evidência das proposições matemáticas e a do *cogito*, percebendo que: “... *alors qu'on peut faire abstraction de tous les contenus de la pensée, il est impossible de faire abstraction de ma pensée, qui doit subsister comme condition de la représentation en general, quel que'em soit le contenu.*” (GUEROULT, p.53)

### **Conclusão:**

Ficam as seguintes questões:

**i)** Tendo em vista que a Matemática, na ordem das razões, expressa um conteúdo de pensamento\_ e, ao que tais meditações indicam, um conteúdo do pensamento *solipsista*, i.e. relativo à compreensão de que a “minha” mente ou pensamento é a única coisa existente \_, sua validade reduziria-se às elaborações do pensamento? A Matemática reduziria-se à imaginação de um único pensamento genial? Se o pensamento é redutível ao *solipsismo*, o qual não elimina a dúvida radical, em que se sustenta a objetividade pretendida pela Matemática?

**ii)** A consciência pensante não poderia ser, em última análise, proposicional, expressão de linguagem?

Ora, se a consciência existe como linguagem, qual seria então a justificativa para que se entenda a mesma como primeira certeza e com precedência em relação à Matemática, também linguagem, mediante o confronto com a dúvida radical e sendo mais resistente a esta do que a Matemática?

Reduzindo o “*eu sou*” ou o “*eu sou enquanto penso*” à linguagem, dispensamos a ordem das razões, e daí a Matemática como linguagem também estar no mesmo patamar que o *cogito*, e concorre com ele pela representação inambígua da realidade, quer dizer: **a) ou** a descrição objetiva é capacidade do *cogito* e este usa consequentemente a Matemática para tal propósito, quer dizer, a Matemática só se faz inambígua por causa do raciocínio do “eu sou”, **b) ou** o *cogito* depende da Matemática para alcançar objetividade e conhecimento preciso da realidade;

**iii)** Vemos com as dúvidas cartesianas como o paralelismo psicofísico é problemático, configurando-se ceticismo suas primeiras e talvez insolúveis meditações.

### **Bibliografia:**

-DESCARTES.Meditações Metafísicas. In: “Os Pensadores”, São Paulo: Abril Cultural. 1983.

- GUEROULT, M. *Descartes selon L'Ordre des Raisons*. Vol. I . Paris: Aubier - Éditions Montaigne, 1968.